



**FACULDADE CALAFIORI**

**CLAUDIA TAMARA DE SOUZA  
NATALINA DAS GRAÇAS BARBOSA**

**EDUCAÇÃO INFANTIL: a arte da contação de histórias e seus recursos**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO - MG**

**2016**

CLAUDIA TAMARA DE SOUZA  
NATALINA DAS GRAÇAS BARBOSA

**EDUCAÇÃO INFANTIL:** a arte da contação de histórias e seus recursos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Cláudio Manoel Person

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO - MG

2016

Dedicamos este trabalho a todos que, de alguma forma, foram essenciais para a realização deste e por mais esta conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos, primeiramente, a Deus, por permitir que nós chegássemos até aqui, também aos nossos familiares, por nos apoiarem em todos os momentos de nossas vidas, nos dando-nos uma segurança para seguir em frente.

Agradecemos ao nosso orientador, Professor Mestre Cláudio Manoel Person por ter aceitado a proposta inicial e por contribuir com o nosso conhecimento, transmitindo-nos saberes que levaremos por toda a vida.

Agradecemos aos professores participantes da banca examinadora que dividiram conosco este momento tão importante e esperado: Professor Mestre César Clemente e à Professora Mestra Marília de Souza Neves, principalmente pela disponibilidade de participarem, mesmo estando de férias.

Eu, Claudia, agradeço à minha progenitora Maria José (Nina) pelo dom da vida, à minha irmã Aline e ao meu sobrinho/afilhado, por existirem em minha vida, e aos meus tios Hélio e Ruth pelo apoio no decorrer de todo o curso.

Eu, Natalina, agradeço aos meus filhos Gabriel e Bianca por estarem comigo e apoiarem neste período, por me ensinarem o verdadeiro sentido da vida.

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto - alguma coisa - e um objeto indireto - a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 2004, p. 25-26).

## **LISTA DE SIGLAS**

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ART./Art./art. - Artigo

CAIC - Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente

CF - Constituição Federal

CMEIs - Centros Municipais de Educação Infantil

CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

UNIFRAN - Universidade de Franca

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Teatro: Evento “Liter’ Arte Calafiori .....	38
<b>Figura 2</b> - Teatro de sombras: O encontro das Borboletas.....	40
<b>Figura 3</b> - Teatro de varas.....	41
<b>Figura 4</b> - Fantoques.....	42
<b>Figura 5</b> - Fantoques.....	42
<b>Figura 6</b> - Histórias diversas.....	43
<b>Figura 7</b> - Livros infantis - A magia do contar histórias.....	45
<b>Figura 8</b> - Livro Sanfonado: um dia no circo.....	47
<b>Figura 9</b> - Flanelógrafo com personagens da história.....	48
<b>Figura 10</b> - Avental de contação de histórias.....	49
<b>Figura 11</b> - Caixa musical (Conhecendo os sons dos animais).....	50
<b>Figura 12</b> - Dramatização - A viagem ao mundo encantado.....	51
<b>Figura 13</b> - Dobraduras e Origamis - A arte da dobradura.....	52

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> - Educação (amparada pela CF. 1988 e pela LDB nº. 9.394/1996).....	21
<b>Quadro 2</b> - Relação entre imaginação e realidade.....	33



## RESUMO

SOUZA; Claudia Tamara de; BARBOSA, Natalina das Graças. **A Educação Infantil: a arte da contação de histórias e seus recursos**. Orientador: Prof. Me. Cláudio Manoel Person. Faculdade Calafiori - São Sebastião do Paraíso - MG, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia).

Com evoluções constantes no cenário educacional, a presente pesquisa busca elucidar, através da bibliografia estudada, “o contar histórias e a sua arte”. Com o intuito de aguçar a curiosidade das crianças, o momento de contar história é de suma importância; pois propicia à criança inúmeras possibilidades, assim como o de promover a interação, instigar a imaginação e também é a oportunidade de se ter contatos com livros. A preparação antecipada ao período de contação de histórias é necessária, para que esse seja um momento lúdico para todos os envolvidos. Auxiliando a lidar com aspectos inconscientes, as histórias e os contos de fadas participam da infância, juntamente com o brincar, trazendo expressões de fantasia e dos anseios da criança. Ao ouvir histórias, a criança tem a oportunidade de enriquecer e estimular sua imaginação, ampliar seu vocabulário, permitir sua auto-identificação e autorreconhecimento, aprender a refletir para aceitar situações relativas às dimensões diversas da vida, além de desenvolver o pensamento lógico que favorece a memória e o espírito crítico através da manifestação de humor e de satisfação de sua curiosidade natural. Buscando responder ao problema de pesquisa: Os métodos utilizados na contação de histórias, que se dê um significado imaginário/lúdico no desenvolvimento da criança, é uma estratégia pedagógica efetiva para o seu aprendizado? A presente utilizou-se do método qualitativo, bem como pela revisão bibliográfica sendo desenvolvida por meio da leitura e análise, e registros artigos para compreender mais sobre o momento lúdico. Buscando apresentar o histórico do contar histórias, bem como entender o lúdico, salientando a educação infantil e a prática de ensino. Não pretende exaurir o assunto nem esgotar o tema, visando apresentar a contação de histórias e a sua arte. Conclui-se que os momentos destinados ao lúdico, bem como a brincadeiras, teatros, fantoches, e tudo que envolve esse espaço é extremamente importante para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, fazendo-as seres humanos com capacidade de pensar e raciocinar, proporcionando-lhes habilidades para viverem em sociedade.

**Palavras - chave:** Contação de histórias. Lúdico. Educação Infantil.

## ABSTRACT

SOUZA; Claudia Tamara de; BARBOSA, Natalina das Graças. **Child Education: the art of storytelling and its resources.** Advisor: Teacher Me. Cláudio Manoel Person. Calafiori College - São Sebastião do Paraíso - MG, 2016. Graduation Work (Degree in Pedagogy).

With constant evolutions in the educational scenario, the present research seeks to elucidate through the studied bibliography "the story telling and its art". In order to whet the curiosity of children, the moment of telling history is of paramount importance; Because it provides the child with innumerable possibilities, as well as promoting interaction, instigating the imagination, and is also the opportunity to have contacts with books. Early preparation for the storytelling period is necessary so that this is a playful moment for all involved. Helping to deal with unconscious aspects, stories and fairy tales play a part in childhood, along with play, bringing expressions of fantasy and the child's yearnings. By listening to stories, the child has the opportunity to enrich and stimulate his imagination, to expand his vocabulary, to allow his self-identification and self-recognition, to learn to reflect to accept situations related to the different dimensions of life, and to develop the logical Favours memory and critical spirit through the manifestation of humor and satisfaction of their natural curiosity. Seeking to answer the research problem: - Are the methods used in storytelling that give an imaginary / playful meaning in the child's development an effective pedagogical strategy for their learning? The present was used the qualitative method, as well as the bibliographic review being developed through reading and analysis and records articles to understand more about the moment of play. Seeking to present the history of story telling as well as understanding the playful, emphasizing early childhood education and teaching practice. It does not pretend to exhaust the subject nor exhaust the subject, aiming to present the storytelling and its art. It is concluded that the moments destined to the playful, as well as the jokes, theaters, puppets, and everything that surrounds this space is extremely important for the development and learning of the children, making them human beings with capacity to think and reason, Giving them the skills to live in society.

**Keywords:** Account of stories. Playful. Child education.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 HISTÓRICO DO CONTAR HISTÓRIAS.....	15
2 DOCUMENTO OFICIAL: O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
2.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil de 1996 - Prática de Ensino.....	21
2.2 Lúdico na Educação.....	22
3 PRÁTICAS DE ENSINO - APRENDIZADO ATRAVÉS DO LÚDICO.....	27
3.1 Jogos e Brincadeiras.....	28
3.2 Teatro.....	36
3.2.1 Teatro de sombras.....	39
3.2.2 Teatro de varas.....	40
3.3 Fantoche.....	41
3.4 Histórias Infantis.....	42
3.5 Livros.....	43
3.5.1 Livro sanfonado.....	46
3.6 Flanelógrafo.....	47
3.7 Avental de contar histórias.....	48
3.8 Os contos que as caixas e malas contam.....	49
3.9 Dramatização.....	51
3.10 Dobradura e origami.....	52
CONSIDERAÇÕES.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE A.....	60
APÊNDICE B.....	61

## INTRODUÇÃO

Eu, Claudía Tamara de Souza moradora do Município de São Sebastião do Paraíso (MG), iniciei meus estudos na Escola Municipal Ibrantina Amaral aos 5 anos de idade frequentando a pré escola. Finalizei o Ensino Fundamental I e continuei meus estudos na Escola Estadual Clóvis Salgado, na qual formei em 2009. Quando terminei o Ensino Médio, iniciei na mesma escola o Curso de Magistério formando em 7 de Agosto de 2010. Sempre gostei da área educacional, e por isso ingressei no Curso de Pedagogia na Faculdade Calafiori em 2013. Com todo esse tempo, adquiri experiência em algumas Escolas Particulares da minha cidade; trabalhei por 03 anos na Escola Nova, 01 ano na Escola Caixinha de Surpresa, 2 anos na Escola Peixinho Dourado, 6 meses no Colégio Objetivo, e atualmente, sou professora no Colégio Galileu responsável pela turma de 2 anos.

Em janeiro de 2015 ingressei na Faculdade UNIFRAN no curso de Letras/ Espanhol, pois não quero ser professora em Educação Básica, mas sim atuar no Ensino Médio.

Para nosso Trabalho de Conclusão de Curso, convidei o Professor Mestre Cláudio Manuel Person, por pensarmos em uma educação para a libertação, pois sei o quanto é importante a didática dentro da sala de aula .

Eu, Natalina das Graças Barbosa, do Município de São Sebastião do Paraíso (MG), iniciei minha trajetória acadêmica aos seis anos de idade na Escola Estadual São João da Escócia. No Ensino Fundamental I, ingressei na Escola Estadual Clóvis Salgado, onde permaneci até o Ensino Médio. Neste período descobri minha primeira gravidez, e por esse motivo, dediquei-me à minha família, deixando de lado os estudos.

Em 2008, retornei à Escola Estadual Clóvis Salgado com o objetivo de cursar o Magistério, concluindo-o em 17 de julho de 2009. Desde então, comecei a trabalhar na Educação Infantil, passei por várias Escolas e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs). Trabalhei na escola particular Centro de Educação Infantil Santa Clara como professora de crianças com 3 anos. No ano seguinte, comecei a trabalhar como educadora de primeira infância no CMEI Vereador Antonino José Amorim. Em 2013, dei início à minha Graduação no Curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Calafiori. Em 2014, atuei nas Escolas Municipais Campos do Amaral, Maria de Lourdes Dizaró, (CAIC), Alice Naves, na Educação Especial como monitora de apoio. Em 2015, voltei para o CMEI Vereador Antonino José Amorim, na sala do maternal (2 anos), permanecendo nela até 12 de abril de

2016, quando fui chamada para trabalhar no CMEI Otávio Rodrigues Amorim na cidade de Itaú de Minas como professora, onde permaneço até hoje.

Assim, para nosso Trabalho de Conclusão de Curso, convidamos o Professor Mestre Cláudio Manoel Person, pois sabemos o quanto é formidável a didática dentro da sala de aula..

O presente trabalho utilizou-se do método qualitativo, bem como pela revisão bibliográfica, sendo desenvolvida por meio da leitura e análise e registros artigos para compreender mais sobre o momento lúdico. Buscando apresentar o histórico do contar histórias, bem como entender o lúdico, frisando a educação infantil e a prática de ensino. Não pretende exaurir o assunto nem esgotar o tema, visando apresentar a contação de histórias e a sua arte.

De acordo com Paulo Freire (2004, p.29): “O meu envolvimento com a prática educativa , sabidamente política, moral, gnosiológica, , jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos . Mas preocupado com ela, enquanto cima ou atmosfera d espaço, nunca deixei de estar.”

Assim, foi escolhido como tema “Educação Infantil: a arte da contação de histórias e seus recursos”, buscando falar sobre a importância da contação de histórias na sala de aula para as crianças e para o seu desenvolvimento.

Com o intuito de aguçar a curiosidade das crianças, o momento de contar história é de suma importância para estas. A preparação antecipada ao período de contação de histórias é necessária, para que esse seja um momento lúdico para todos os envolvidos. Assim, buscando lidar com aspectos inconscientes, as histórias e contos de fadas participam da infância, juntamente com o brincar, trazendo expressões de fantasia e dos anseios da criança.

Nesse sentido, ao ouvir histórias, a criança tem a oportunidade de enriquecer, estimular a sua imaginação, ampliar seu vocabulário, permitir sua auto identificação e auto reconhecimento, aprender a refletir para aceitar situações relativas às dimensões diversas da vida; além de desenvolver o pensamento lógico que favorece a memória e o espírito crítico através da manifestação de humor e de satisfação de sua curiosidade natural.

As diversas histórias têm grande contribuição para que a criança entre em contato com vários modos de ver e sentir o mundo. Segundo Cademartori (2010, p. 21), “é através da história que a dimensão simbólica da linguagem é experimentada em conjunção com o imaginário e o real”.

Segundo Teles e Soares (2012, p. 01), “a literatura infantil proporciona às crianças diferentes experiências com a linguagem e com os sentidos, ou seja, possibilita o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo.”

Podendo, ainda, utilizar-se de vários meios, pois cada pedagogo tem uma didática diferente desse gracioso mundo encantando para os pequenos. Assim sendo, este trabalho buscou enfatizar tais meios, como o teatro, fantoche, histórias, livros e entre outros.

Nesse sentido, Antoni Zabala, (1998, p. 54) menciona que “sequências didáticas são um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Mediante o que foi exposto, e a partir das primeiras aproximações que tivemos com as ideias centrais sobre “A Arte da Contação de Histórias e Seus Recursos”, podemos realizar as indagações que estão norteando este estudo, bem como a sua problemática: As estratégias utilizadas na contação de histórias, que se dê um significado imaginário/lúdico no desenvolvimento da criança, são estratégias pedagógicas efetivas para o seu aprendizado?

Partindo da revisão bibliográfica, esta pesquisa pretende como objetivo geral, demonstrar a importância da contação de histórias bem como os recursos utilizados na mesma para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, a fim de que elas criem possibilidades para a construção do saber. Será possível, assim, retratar a prática de ensino.

No que tange aos objetivos específicos, este estudo pretende abordar algumas práticas de ensino, não enxugando o seu rol; mas, abordar o histórico de contar história de forma sucinta, tendo por parâmetros a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/96) e o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - 1998), fazendo menção ao momento lúdico e um capítulo reportando às práticas de ensino.

Este trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo traz o Histórico do Contar Histórias. A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos.

O segundo capítulo apresenta o Documento Oficial: o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que é um documento oficial para a estruturação da Educação Infantil, em nível nacional, que defende uma educação democrática e transformadora da realidade, objetivando a formação de cidadãos críticos. Apresenta também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil de 1996 - Prática de Ensino. Além disso, traz-nos o Lúdico como atividades que ajudam a construir um ambiente integrador, favorecendo a aquisição do conhecimento e desenvolvimento do educando

O terceiro capítulo traz as Práticas de Ensino: aprendizado através do lúdico, como os jogos e brincadeiras, o teatro considerado como uma linguagem que auxilia no desenvolvimento das crianças. O fantoche como um recurso que desperta interesse nas crianças, desperta a imaginação, podendo ser de várias formas e usado para a confecção meias, restos de linhas, sucatas, entre outros. As histórias infantis e/ou os livros sanfonados onde as histórias são contadas em sequências e vai abrindo como uma sanfona deixando as crianças fascinadas com as imagens. O Flanelógrafo trabalha a narratividade da imagem associada à linguagem verbal das mais diversas formas, já que a sua estrutura permite uma multiplicidade de narrativas sobre um mesmo tema. O avental de contar histórias trata-se de um recurso lúdico e educativo para o desenvolvimento da criança na educação infantil. Ele estimula a imaginação, a oralidade, a criatividade, a autonomia, sendo um “elemento mágico”

As caixas e malas de contar histórias provocam nas crianças a curiosidade, o hábito e o gosto pela leitura viajando no mundo encantado. A dramatização em sala de aula enriquece o mundo lúdico da criança, sendo divertido enquanto desenvolve a aprendizagem, linguagem oral e corporal. E as dobraduras e origamis fazem com que a criança conheça a importância de ampliar os processos da expressão e da arte.

## 1 HISTÓRICO DO CONTAR HISTÓRIAS

No final do século XVII e durante o século XVIII, foram realizadas por pedagogos as primeiras produções infantis. E no início do século XVIII, iniciou-se a história da literatura infantil. Sendo a criança considerada como um ser diferenciado do adulto, com necessidades de uma educação especial a qual a preparasse para a vida adulta.

De acordo com Coelho (2002, p. 31 ), “estudar a história é, ainda, escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”.

Neste sentido, Olívia Pires (2011, p. 13-14) ressalta:

Como as crianças, no século XVIII, eram vistas como adultos em miniatura, os primeiros textos infantis foram resultado de adaptações de textos escritos para adultos com as necessárias correções de linguagem, das reflexões que estariam além da compreensão infantil, 14 retiradas as situações e os conflitos considerados não-exemplares, e dava-se ênfase às ações e situações de caráter aventureso ou exemplar. As obras eram reduzidas em seu valor intrínseco, buscando-se, porém, um novo objetivo, que era atrair o pequeno leitor/ouvinte e o levava a participar das diversas experiências que a vida pode proporcionar, no campo do real ou do maravilhoso.

A arte de contar histórias, bem como a de declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. Em tempos remotos, a criança seguia a vida social de um adulto e em consequência compartilhava a mesma literatura, sendo distinguidas em dois tipos: da nobreza, as quais liam clássicos e das classes desprivilegiadas, as quais liam ou ouviam histórias de aventura, lendas, contos folclóricos, nascendo a literatura de cordel, uma literatura de interesse das classes populares. Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, porque mais tarde iam se tornar registros pictográficos, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderia ser lido e compreendido pelos integrantes do grupo.

A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia, sendo remota à época do surgimento do homem há milhões de anos e está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura, ampliando o vocabulário, a narrativa e sua cultura, sendo o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.



Para Mateus (2013, p.55 ), as histórias em si são uma maneira mais significativa que a humanidade buscou para expressar experiências que nas narrativas realistas não acontecem. Os contos são temidos porque objetivam os fatos e as verdades que não podem ser expressos pela razão, por isso nos estudos dos contos observa-se: “Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos e, por isso, exprimem sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano” (VIEIRA, 2005, p. 10)

De acordo com Sousa e Straub (2014), à procura de uma literatura adequada para a infância, houve adaptações dos clássicos e o folclore tornou-se contos de fadas, porém, os mesmos ainda não eram totalmente voltados para as crianças. Os primeiros livros para crianças foram escritos por pedagogos, com o único objetivo de práticas pedagógicas, pois a escolarização obrigatória e a importância da educação eram de interesse no desenvolvimento social.

Segundo Góes (1991, p. 49):

Nos começos da literatura infantil estava a Pedagogia e que, ainda hoje, muitas vezes, pedagogia e literatura infantil vão de mãos dadas, às vezes como boas amigas, e outras, a maioria, sofrendo a literatura, como uma pobre e bela Cinderela, a dura perseguição de sua pedagógica e insidiosa madrasta.

A pedagogia e literatura infantil andam juntas, entretanto a literatura sofre um pouco por conta das mudanças da forma pedagógica.

Lajolo e Zilberman (1988, p. 17), citam que “eram os clássicos europeus que forneciam o material para as adaptações e traduções, que precederam a propriedade dita produção brasileira de literatura infantil”. Clássicos europeus foram importantes para a literatura brasileira infantil, a qual incentiva a imaginação das crianças.

Rodrigues (2005, p. 4), confirma que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

A necessidade de exprimir os sentidos da vida, bem como buscar explicações para inquietações, como transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias, não só naquele tempo, mas hoje em dia também.

Sousa e Straub (2014, p. 129) consideram que “as crianças que ouve histórias poderá ser capazes de interpretá-las, reconhecer mensagens, criar consciência e tornar-se um cidadão crítico. Tais capacidades possíveis que as crianças podem desenvolver devem ser muito bem trabalhadas, e ter muito cuidado com o livro a ser narrado”.

Nesse sentido, Abramovich (1997, p. 23) afirma que: “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou até mesmo outra)”.

Não só o ouvir as histórias, mas todo o ambiente lúdico que envolve a criança, desenvolvendo-lhe a imaginação, a criatividade, dentre tais tem-se o teatro, o fantoche, histórias encenadas de diversas formas, a literatura em geral.

No que tange à contação de histórias, Arroyo (2011, p. 165) menciona:

Manter os alunos silenciados é a negação de uma matriz educativa elementar: só há educação humana na comunicação, no diálogo, na interação entre humanos. Escola silenciosa é a negação da vida da pedagogia. No silêncio os alunos poderão aprender saberes fechados, competências úteis, mas não aprenderão a serem humanos. Não aprenderá o domínio das múltiplas linguagens e o talento para o diálogo, a capacidade de aprender os significados da cultura.

A escola que é silenciosa é sem “vida” e sem interação, sendo a negação da vida pedagógica, ensinando os alunos saberes fechados e não a serem humanos para viver em sociedade.

Para Coelho (2002, p. 12), a história quieta serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

A história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida (COELHO, 2002, p. 12).

A história tem importante papel no desenvolvimento da criança, ajudando à resolver conflitos, alimentando sua imaginação e permitindo-lhe a auto-identificação.

Desde o princípio, a literatura esteve ligada à função essencial de atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades e as ações, e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos e vários sentimentos. É no encontro com a literatura (ou com a arte em geral) que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua própria experiência de vida, intensamente e incomparável a qualquer outra atividade (PIRES, 2011, p.13).

Pode-se dizer que, a literatura, em especial a infantil, tem papel eficaz no processo de desenvolvimento e formação da criança, ou seja, a literatura tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação, que é a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.

Oliveira (1996, p. 27 apud LIPPI; FINK, 2012, p.22 ), afirma que:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico: outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando.

A autora destaca o valor da Literatura Infantil na vida das crianças, não apenas de maneira escrita nos livros, mas também de forma oral, através da contação de histórias. Uma vez que, esta possibilita às crianças um desenvolvimento mais completo; pois na maioria das vezes é apenas na escola que elas têm contato com histórias que lhes ajudam a perceber a ludicidade das palavras, podendo criar e recriar novos textos e iniciar o gosto pela leitura, e isso pode ser visto na observação em sala de aula (LIPPI; FINK, 2012).

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

A contação de histórias destaca-se pela importância como fator de desenvolvimento das aptidões para o contato com a leitura, com a escrita, com a oralidade, estimulando na criança a sua criatividade, imaginação, formas de expressão oral e corporal, proporcionando um ambiente lúdico de aprendizagem, repleto de sentidos e significados (LIPPI; FINK, 2012).

Por meio do interesse por histórias infantis que os professores e/ou educadores conquistam o público alvo para o hábito de leitura e enriquecimento do vocabulário; e que a contação de histórias como leitura ouvida, pode tornar pessoas mais participativas de forma crítica no meio em que estão inseridas.

## **2 DOCUMENTO OFICIAL: O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

O RCNEI (1998), um documento oficial, tem por finalidade a estruturação da Educação Infantil, a nível nacional, que defende uma educação democrática e transformadora da realidade, objetivando a formação de cidadãos críticos. Sendo um marco em termos de reforçar a Educação Infantil, que as propostas são apenas sugestões sem obrigatoriedade de segui-las, entretanto, em caráter obrigatório, as diretrizes. Esse documento deve ser entendido como uma proposta aberta, flexível e não obrigatória, que visa à estruturação de propostas educacionais adequadas a cada região do país.

Este documento constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (RCNEI, 1998, p. 13).

As orientações e referências pedagógicas trazidas pelo RCNEI (1998) têm o intuito de formar melhores cidadãos através de práticas educativas de qualidade.

No que se refere a processos educativos, Zabala (1998, p. 15) comenta que:

Pessoalmente, penso que um debate sobre o grau de compreensão dos processos educativos, é sobretudo do caminho que sege ou tem que seguir qualquer educador para melhorar sua prática educativa, não pode ser muito diferente ao dos outros profissionais que se movem em campos de grande complexidade. Se entendemos que a melhora de qualquer das atuações humanas passa pelo conhecimento e o controle das variáveis que intervêm nelas, o fato de que os processos de ensino/aprendizagem sejam extremamente complexos - certamente mais complexos de que qualquer outra profissão - não impede, mas sim torna mais necessário, que nós, professores, disponhamos e utilizemos referenciais que nos ajudem a interpretar o que acontece em aula. Se dispomos de conhecimento desse tipo, nós utilizaremos previamente ao planejar, no próprio processo educativo, e, posteriormente, ao realizar uma avaliação do que aconteceu.

Cabe salientar ainda que o RCNEI (1998) aponta metas de qualidade, contribuindo para a realização do objetivo socializados da etapa educacional, propiciando acesso ao conhecimento pessoal, cultural e social. Apresentando um avanço na educação infantil, que busca soluções educativas, servindo como guia de reflexão de cunho educacional sobre

objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais da área educacional voltado para crianças de zero a seis anos.

Nesse sentido, o RCNEI (1998) é claro em sua função, que é contribuir com as políticas e programas de educação infantil.

Sua função é contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais (RCNEI, 1998, p. 13).

Foi organizado em três livros, sendo eles: volume I: Introdução, volume II: Formação Pessoal e Social e volume III: Conhecimento do mundo, atendendo à Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional (Lei nº. 9394/96), estabelecendo que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica.

A esse respeito, Menezes e Santos (2001, p.7) descrevem que:

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil é composto por três volumes que pretendem contribuir para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas além da construção de propostas educativas que respondam às demandas das crianças e seus familiares nas diferentes regiões do país. O primeiro, intitulado Introdução, traz reflexões sobre creches e pré-escolas brasileiras, infância, educação e profissionalização, além do referencial teórico que sustenta a obra. O segundo volume intitula-se “Formação pessoal e social” e trata dos processos de construção da identidade e autonomia das crianças. O terceiro volume, com o título “Conhecimento de Mundo”, traz seis documentos, cada qual relacionado aos sub-eixos de trabalho: Movimento, Música, Artes visuais, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade e Matemática.

Segundo Andrea Oliveira (2016, p. 9):

A Educação Infantil tem como principal objetivo criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças, considerando, também, as possibilidades de aprendizagem que apresentam nas diferentes faixas etárias. Mas, para que isso ocorra, faz-se necessário uma atuação que propicia o desenvolvimento de capacidades, envolvendo aquelas de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social.

O objetivo da educação infantil, segundo Oliveira (2016) é criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças. Tendo como função principal contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais.

## 2.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil de 1996 - Prática de Ensino

A Educação de forma geral está amparada pela Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988, que traz em seu Capítulo III - Da Educação, Da Cultura e do Desporto, Seção I, precisamente no artigo 205 a 217 sobre a educação; e a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no que tange às crianças de zero a seis anos.

**Quadro 1:** Educação (amparada pela CF. 1988 e pela LDB nº. 9.394/1996).

<b>Constituição Federal de 1988</b>	<b>Lei nº. 9.394/96 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional</b>
Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.	Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.
	Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.
	Em seu capítulo II, Seção II, dispõe da Educação Infantil:  Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

**Fonte:** Constituição Federal de 1988 e LDB nº. 9.394/1996.

Diante do exposto, pode-se dizer que, os referidos artigos visam abordar a legislação brasileira que trata da educação em geral e, em especial, a Educação Infantil - isto é, o atendimento a crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas -, e o direito público

subjetivo assegurado pela Constituição Federal de 1988; portanto, a preocupação da referida Lei no que tange a educação das crianças, em todos os aspectos, seja ele físico, psicológico, intelectual e social.

## 2.2 Lúdico na Educação

O lúdico visa mais ao divertimento do que qualquer outro objetivo e no processo de ensino-aprendizagem as atividades lúdicas ajudam a construir um ambiente integrador, favorecendo a aquisição do conhecimento e desenvolvimento do educando.

De acordo com Rubem Alves (1987, p.22): “O lúdico se baseia na atualidade, ocupa-se do aqui e do agora, não prepara para o futuro inexistente. Sendo o hoje a semente de qual germinará o amanhã, podemos dizer que o lúdico favorece a utopia, a construção do futuro a partir do presente”. Usado como estímulo na construção do conhecimento humano e na progressão das diferentes habilidades operatórias, o lúdico tende-se a ser uma estratégia de suma importância. É fundamental que o processo de ensino-aprendizagem seja melhorado de forma efetiva.

A utilização de atividades lúdicas nas escolas pode contribuir para uma melhoria nos resultados obtidos pelos alunos, promovendo interesse e aprendizagem, possibilitando o acesso a situações sistemáticas e dinâmicas, contextualizadas na vida do aluno e no conteúdo a ser vivenciado.

Kramer (2007, p.12) afirma que:

Aulas “diferentes”, criativas e atividades atraentes ajudam a conquistar os alunos. Ao substituir aulas monótonas por atividades lúdicas educativas o professor desperta nos alunos o interesse pela aprendizagem num clima descontraído e criativo.

A ideia de um ensino que desperte o interesse do aluno acabou transformando o sentido do que se entende por material pedagógico e o ato de brincar, de desenvolver aulas alegres, envolventes é um instrumento eficaz quando se tem por objetivo a construção do saber e a formação crítica do aluno.

Ainda, de acordo com Kramer (2007, p.13-14), “as atividades lúdicas educativas foram criadas como fruto de vários anos de docência e de várias leituras/estudos de grandes

estudiosos da pedagogia, com a preocupação de facilitar a aprendizagem e torná-la agradável”.

A aplicação do lúdico auxilia a parte teórica, de forma a tornar o ensino mais prazeroso. Ao utilizar diferentes alternativas o professor desenvolve ações favorecedoras de um novo fazer pedagógico.

De acordo com Alcione Cavalcante (2012, p. 71):

A ludicidade através dos jogos pode ser um excelente meio incentivador no auxílio às aprendizagens visto proporem atividades diferentes daquelas que prevêm o livro didático. No jogo, o indivíduo aprende a aceitar regras, esperar sua vez, aceitar o resultado, lidar com frustrações, experimentar, descobrir, inventar, além de ter estimulada a curiosidade, a autoconfiança, a autonomia, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração, e de ser um momento de auto-expressão e realização.

Segundo a autora Cavalcante (2012), pode-se perceber que, o que vai promover uma boa aprendizagem, mais do que o jogo em si, é o clima de “troca de opiniões entre professores e alunos, permitindo tentativas e respostas divergentes ou alternativas; contudo, tolerando os erros e promovendo a sua análise. Assim, pode-se perceber que a motivação em relação aos conteúdos trabalhados não é o suficiente para ajudá-los a aprender.

Diante desta menção, autores como Cerisara (2008) afirmam que, durante os jogos e as brincadeiras de faz de conta a criança acaba por utilizar em alguns momentos elementos presentes em suas vivências cotidianas, ela utiliza como matéria prima de sua imaginação o que foi observado vivenciado durante diversos momentos e sua vida.

Ainda, a mesma autora afirma que, “quando a criança brinca, ela cria uma situação imaginária, sendo esta uma característica definidora do brinquedo em geral. Nesta situação imaginária, ao assumir um papel a criança inicialmente imita o comportamento do adulto tal como ele observa em seu contexto” (CERISARA, 2008, p.130).

As atividades lúdicas vêm promover a imaginação e as transformações do sujeito em relação ao seu objeto de aprendizagem.

A esse respeito, cabe também, ressaltar o conceito de imaginação, em que o autor Vygotsky (2009, p. 14-15) esclarece que:

A imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.



Para Vygotsky, que todo processo de imaginação infantil só pode ocorrer com base nas experiências sociais vividas e apropriadas pela criança, experiências vindas do ambiente real da criança e das suas relações com as pessoas e com os objetos culturais a sua volta.

Ainda, segundo Vygotsky (2009, p. 25),

A imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal.

Desta afirmação, o autor conclui sobre a necessidade pedagógica de se ampliar a experiência da criança, a fim de que uma base suficientemente segura para que a atividade criadora seja construída, pois, quanto mais ricas e diversificadas forem às experiências, as interações da criança com o mundo e as atividades que ela é incentivada a realizar, maiores serão suas possibilidades criadoras e mais ricas; será sua criatividade, porque maior será o material de que sua imaginação poderá dispor na construção de algo novo. Mediante esse processo criativo por meio da imaginação, o ser humano domina novas construções e novos conhecimentos são tornados possíveis. Podemos dizer que a imaginação possibilita o crescimento humano e social, sendo uma atividade essencial à sobrevivência e ao desenvolvimento humano.

Fontana e Cruz (1997), ao refletirem sobre o pensamento de Vygotsky, discutem a influência da escolarização no desenvolvimento da criança. Para estas autoras, o saber escolar, fundado no discurso científico, exige da criança pensar de modo diferente, pois aprende conceitos, ideias e verdades que explicam os fenômenos que ocorrem em sua volta, permitindo tomar consciência deles. A escola trabalha com conhecimentos sistematizados, intencionalmente introduzidos através de conceitos sistematizados ou científicos, com isso impulsionando o desenvolvimento das funções mentais das crianças, conforme compreende Vygotsky (2007) ao analisar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, próprias dos seres humanos. Os conhecimentos que circulam no ambiente escolar devem ser pensados e planejados de modo que gerem aprendizagens reais e fundamentais para o desenvolvimento da criança. Aprender é ponto de partida para o desenvolvimento. O pensamento da criança não fica estagnado diante de uma nova aprendizagem. Seus processos mentais adquirem outras formas de pensar e agir diante das situações vividas. Ou seja, a escola possibilitando o

contato sistemático e intenso das crianças com os sistemas organizados de conhecimento fornecendo a eles instrumentos para elaborá-los, mediatiza seu processo de desenvolvimento.

Vygotsky (2007) estabelece uma estreita relação entre educação e formação humana, valorizando o papel da escola como instituição que possibilita às crianças a apropriação do conhecimento sistematizado e que estes participam ativamente no processo de desenvolvimento do pensamento. Fontana e Cruz (1997) consideram, portanto, que a teoria histórico-cultural pode subsidiar a organização do ensino capaz de promover o desenvolvimento.

Para a concepção histórico-cultural, a escola é o lugar privilegiado para que a humanização dos indivíduos por meio da socialização do saber historicamente produzido pela humanidade seja possibilitada, a fim de que a aprendizagem e o desenvolvimento humano ocorram. Entretanto, as escolas se caracterizam, em grande escala, por um cotidiano organizado por pouco diálogo, poucas intervenções do professor, o que não está levando a tal humanização.

Vygotsky (2007, p.102) afirma que “a aprendizagem promove o desenvolvimento, e que o aprendizado orientado para níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança. O ‘bom aprendizado’ é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”.

Nesta obra, o autor realizou críticas às teorias de aprendizagem e desenvolvimento de sua época. Cita, por exemplo, os estudos de Piaget, para quem o desenvolvimento era compreendido como condição para a aprendizagem. Em outra perspectiva, a aprendizagem é desenvolvimento. Neste grupo, estão as teorias do comportamento, tais como o behaviorismo<sup>1</sup> e a reflexologia<sup>2</sup>. Entretanto, para Vygotsky, a aprendizagem tem papel fundamental no desenvolvimento. E, para explicar este papel, elabora o conceito central de Zona de Desenvolvimento Próximo, que ele define como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

---

<sup>1</sup>O behaviorismo é uma parte da psicologia que tem o comportamento como objeto de estudo. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/behaviorismo>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

<sup>2</sup>A reflexologia é uma terapia bastante antiga e pouco conhecida. Trata-se de uma Medicina Chinesa, utilizando assim de pontos reflexos nos pés, que através de pressões em alguns pontos específicos. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd192/a-reflexologia-podal-na-reducao-do-estresse.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

A Zona de Desenvolvimento Proximal, como sendo a diferença entre o desenvolvimento real da criança e o nível que atinge quando resolve problemas com auxílio de um outro, o que leva à consequência de que as crianças podem fazer mais do que conseguiriam fazer por si sós. No desenvolvimento, a imitação e o ensino desempenham um papel de primeira importância. Deste modo, é possível compreender que o papel do outro para a aprendizagem da criança é fundamental.

A zona de desenvolvimento proximal seria, portanto, o caminho que a criança percorre para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento, e que serão consolidadas em um nível de desenvolvimento real a partir das atividades realizadas em colaboração com outros. Neste sentido, fica reiterado o papel da educação e do professor, pois, como afirma Vygotsky (2007, p. 98): “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com a assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”.

Ao pensarmos nas atividades pedagógicas que podem ser realizadas na educação infantil, consideramos que a brincadeira é privilegiada. Para Vygotsky (2007, p.122), a brincadeira cria zonas de desenvolvimento proximal. Isto significa dizer que, ao brincar, a criança atua com ações e comportamentos que vão além do que ela poderia realmente agir. Como afirma o autor “[...] o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento”. Leontiev (1988) considera a brincadeira uma atividade principal, pois promove as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento; sendo assim, é possível refletirmos sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil.

### 3 PRÁTICAS DE ENSINO: APRENDIZADO ATRAVÉS DO LÚDICO

Para Libâneo (1992, p. 47), “a prática de ensino é uma disciplina de caráter teórico-prático, que tem por finalidade proporcionar ao aluno vivências pedagógicas em sala de aula. Tendo como responsabilidade preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural política”.

A prática de ensino tem grande relevância na transferência do saber, vivenciado por experiências e atividades diversas e proporcionando o aprendizado de forma diferente.

Nesse sentido, Perrenoud (1993, p.109 apud MONTEIRO, 2016, p. 5), afirma que:

Durante o processo de formação inicial, a Prática de Ensino tem um lugar e uma importância especial e única. É no decorrer de suas atividades que os estudos realizados podem ser relacionados e criticados a partir da observação e vivência de experiências significativas.

Para Zabala (1998, p.53): “Os tipos de atividades, mas, sobretudo, sua maneira de se articular, são um dos traços diferenciais que determinam a especificidade de muitas propostas didáticas”. Ou seja, cada atividade direcionada aos alunos terá uma intenção de acordo com a função em que se atribui.

Ainda, para o autor supra:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma dessas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação (ZABALA, 1998, p. 29).

O professor deve se fazer reflexivo, refletindo sobre sua prática, o que pensa e o que elabora em cima de sua própria prática. Desta forma, pode-se dizer que, “é o professor pesquisador”, tão em falta nos dias de hoje. Assumindo a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, como instrumento de reflexão e de análise.

Foram elencadas algumas práticas de ensino que são importantes para o aprendizado da criança (a seguir).

### 3.1 Jogos e Brincadeiras

Segundo Paulo Nunes de Almeida (2003, p. 36),

O prazer e alegria não se dissociam jamais. O “brincar” é incontestavelmente uma fonte inesgotável desses dois elementos. O jogo, o brinquedo e a brincadeira sempre estiveram presentes na vida do homem, dos mais remotos tempos até os dias de hoje, nas mais variadas manifestações (bélicas, filosóficas, educacionais). O jogo pressupõe uma regra, o brinquedo é o objeto manipulável e a brincadeira, nada mais é que o ato de brincar com o brinquedo ou mesmo com o jogo. Jogar também é brincar com o jogo. O jogo pode existir por meio do brinquedo, se os brincantes lhe impuserem regras. “Percebe-se, pois, que jogo, brinquedo e brincadeira têm conceitos distintos, todavia estão imbricados; e o lúdico abarca todos eles”.

Nesse sentido, os jogos constituem excelente recurso na Educação Infantil, pois através deles são trabalhados, de forma espontânea e global, os aspectos afetivo, social, perceptivo-motor e cognitivo, do desenvolvimento da criança.

Os jogos e brincadeiras chamam a atenção das crianças, haja vista que estes geram entretenimento entre elas, sendo momento diversão e descontração, bem como, momento também de aprendizado.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas, mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta, ou seja, é preciso que haja um trabalho sistemático com jogos é necessário que os mesmos sejam escolhidos e trabalhados com o intuito de fazer o aluno ultrapassar a fase da mera tentativa e erro, ou de jogar pela diversão apenas. Por isso, é essencial a escolha de uma metodologia de trabalho que permita a exploração do potencial dos jogos no desenvolvimento de todas as habilidades (raciocínio lógico e intuitivo), o que pode ser feito por meio da metodologia de resolução de problemas (RCNEI, 1998, p.27).

A escolha de uma metodologia de trabalho que permita a exploração dos jogos será definida pelas dificuldades específicas de cada criança, e é neste momento que podemos lidar com as mesmas.

Vigotsky (1998, p. 134) diz que, “o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de ser comportamento diário. No brinquedo é como, se ela fosse maior do que é na realidade”.

Ou melhor, o brinquedo proporciona uma realidade irreal ou fantasia que é reproduzida através da vida do adulto da qual ela ainda não pode participar ativamente, sendo o comportamento da criança ao brincar diferente, se comportando como se além da idade normal (VYGOTSKY, 1998).

Para Celso Antunes (2003, p. 40):

O jogo somente tem validade se usado na hora certa e essa hora é determinada pelo seu caráter desafiador, pelo interesse do aluno e pelo objetivo proposto. Jamais deve ser introduzido antes que o aluno revele maturidade para superar seu desafio e nunca quando o aluno revelar cansaço pela atividade ou tédio por seus resultados.

Pode-se compreender com base em Antunes (2003), quanto aos jogos é de que só é válido para a criança quando são usados em momentos determinados e na hora certa, com a maturidade das crianças. E, que o ato de brincar é uma fonte de promoção de desenvolvimento, pois, no momento da brincadeira a criança, sente, pensa e dá significado suas experiências vividas em sua realidade. Por isso que as brincadeiras infantis têm uma importância fundamental na vida e no desenvolvimento dessas crianças.

Os jogos e brinquedos são reconhecidos como meios de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, de forma a estimular, na criança, a curiosidade, a observação, a intuição, a atividade, favorecendo seu desenvolvimento pela experiência (FURTADO, 2008, p. 56).

Diante da citação apresentada pela autora, pode-se dizer que, os jogos e as brincadeiras com as crianças devem considerar os níveis de desenvolvimento dessas crianças em cada grupo e faixa etária e, também, respeitar e propiciar as mais diversas experiências em relação aos eixos de trabalho propostos. Os jogos e brincadeiras têm papel importante para o aprendizado das crianças, tornando um momento lúdico e simbólico para as mesmas.

Torna-se interessante mencionar que segundo Oliveira (1984, p. 44):

O brinquedo educativo se autodefine como agente de transmissão metódica de conhecimentos e habilidades que, antes de seu surgimento, não eram veiculadas às crianças pelos brinquedos. Simboliza, portanto, uma intervenção deliberada no lazer infantil no sentido de oferecer conteúdo pedagógico ao entretenimento da criança.

A aprendizagem é tão importante quanto o desenvolvimento social e, o jogo, neste sentido, constitui uma ferramenta pedagógica fundamental. Mais ainda, o jogo pode ser um

instrumento de alegria e tem papel importante para o aprendizado das crianças, tornando um momento lúdico e simbólico para as mesmas.

Conforme Vygotsky (2007, p. 113), “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos”.

O autor, ainda argumenta que a criança experimenta a subordinação às regras ao renunciar a algo que deseja, e é essa renúncia de agir sob impulsos imediatos que mediará o alcance do prazer na brincadeira.

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço, - ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer, - e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia a ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo (VYGOTSKY, 2007, p. 117).

É preciso observar a seriedade do brincar, buscando prazer sem culpas, medos e ansiedades, respeitando as ações espontâneas das crianças, a sua maneira de ser e de pensar, para poder, também, colaborar de forma significativa na construção das identidades das crianças.

Nesse sentido, o brincar é uma atividade importante que possibilita o desenvolvimento da criança, é uma das formas mais comuns do comportamento humano, principalmente durante a infância, e é nessa fase que a criança passa a se descobrir e a se conhecer. Pela brincadeira da criança, podemos compreender como ela se vê e constrói suas representações sobre o mundo. Para Vygotsky (2007), a brincadeira é a principal atividade simbólica do desenvolvimento pré-escolar, pois envolve a criança, desde muito cedo, nos processos de criação.

De acordo com o autor, a brincadeira é fundamental para desenvolver o pensamento da criança porque trabalha diversos aspectos que contribuem para o desenvolvimento emocional e cognitivo da mesma. Afirma que, ao brincar, a criança age sobre os objetos, como adultos. Assim, as brincadeiras das crianças pequenas caracterizam-se pela criação de ações humanas realizadas em torno de objetos.

“A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações

reais” (VYGOTSKY, 2007, p. 124). Essas relações irão intermediar toda a atividade lúdica da criança. Será também importante indicador do desenvolvimento da mesma, influenciando sua forma de enfrentar o mundo e suas ações futuras, como, por exemplo, quando preparamos uma brincadeira, procuramos criar algo que concilie com o conteúdo que estávamos desenvolvendo imaginação da criança em aprender. Através dessa brincadeira, procuramos garantir às crianças o interesse e a motivação a fim de possibilitar a elas a construção e o aprimoramento de seu saber, favorecendo a aprendizagem dos conteúdos.

Cabe ressaltar que a evolução da brincadeira, conforme Vygotsky (2007) e Leontiev (1988) na criança vai desde uma situação imaginária com regras ocultas, para um jogo com regras às claras, contendo uma situação imaginária oculta. Toda situação imaginária criada pela criança no início da idade pré-escolar possui regras de comportamento implícitas, evoluindo para o jogo com regras explícitas e uma situação imaginária implícita. No entanto, o interesse da criança pela brincadeira e/ou pelo jogo com regras inicia-se no fim da idade pré-escolar, e desenvolve-se durante os anos escolares.

De acordo com Leontiev (1988), ao longo da vida de uma criança, o lugar que essa ocupa nas relações humanas é alterado em razão de circunstâncias reais, que interferem diretamente no desenvolvimento de sua vida psíquica. Ainda, a dependência do desenvolvimento psíquico está intrinsecamente relacionada à atividade principal:

Designamos por esta expressão não apenas a atividade frequentemente encontrada em dado nível de desenvolvimento de uma criança. O brinquedo, por exemplo, não ocupa, de modo algum, a maior parte do tempo de uma criança. A criança pré-escolar não brinca mais do que três ou quatro horas por dia. Assim, a questão não é a quantidade de tempo que o processo ocupa. Chamamos de atividade principal aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento (LEONTIEV, 1988, p. 122).

Numa situação de brinquedo, a imaginação da criança é, segundo Vygotsky (2007), uma atividade especificamente humana e consciente, que surge da ação. Em suas ações, a criança representa situações as quais já foram de alguma forma vivenciada por ela em seu meio sócio-cultural, ou seja, a sua representação no brinquedo está muito mais próxima de uma lembrança de algo que já tenha acontecido do que da pura imaginação. Do mesmo modo, Leontiev (1988, p.127) reitera que a ação numa situação de brinquedo não provém da situação imaginária, e sim da discrepância existente entre a operação e a ação, explicando: “não é a



imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela”.

O brinquedo que comporta uma situação imaginária também comporta uma regra relacionada com o que está sendo representado.

As brincadeiras neste período representam algo que, as crianças veem na realidade, como por exemplo, o brincar de “lojinha”, elas assumem papéis que existem neste ambiente, como o do vendedor, do caixa e do cliente, mas estes personagens não representam uma pessoa específica, ela “assume certa função social generalizada do adulto [...]” (LEONTIEV, 1988, p.130).

Na brincadeira os objetos perdem sua força determinadora e a criança passa a operar com os significados das coisas. Só brincando é que ela vai começar a perceber o objeto não da maneira que ele é, mas como desejaria que fosse. Segundo Vygotsky, é na brincadeira que a criança constrói suas necessidades para aproximá-la do mundo adulto. O autor ainda explica que há mudanças em seu desenvolvimento cognitivo e a criança torna-se capaz de aceitar novos componentes na brincadeira, respeitar as regras e dar significado a objetos que lhe permitem realizar a mesma ação próxima do real.

No decorrer do desenvolvimento infantil surgem outros tipos de jogos, são os jogos com regras explícitas: “[...] os jogos de enredo com uma situação imaginária são transformados em jogos com regras nos quais a situação imaginária e o papel estão contidos em forma latente”(LEONTIEV, 1988, p. 133).

Percebe-se que apesar da mudança em relação às regras, a imaginação continua a existir no jogo.

A publicação em Língua Portuguesa do livro *Imaginação e Criação na Infância*, de Lev Semenovich Vygotsky (2009), com tradução de Zoia Ribeiro Prestes e apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Apresenta escritos elaborados pelo autor em período anterior à década de 1930 que, inicialmente, foram dirigidos para pais e professores em forma de palestras, versando sobre a temática da criação artística infantil.

Dessa forma, ao investigar a atividade de criação humana, Vygotsky (2009, p. 20) apresenta quatro formas de relação entre imaginação e realidade (Quadro 2, a seguir).

**Quadro 2:** Relação entre imaginação e realidade.

Quatro formas de relação entre Imaginação e a Realidade	
a) Toda obra da imaginação constrói-se de elementos tomados da realidade;	b) A própria experiência apoia-se na imaginação para interpretar a realidade;
c) O caráter emocional interfere dialeticamente na relação entre imaginação e realidade, ora determinando a atividade imaginativa ora sofrendo influência contrária, pois a imaginação também influi no sentimento; e	d) A imaginação, quando se concretiza em objetos ou obras, provoca alterações na realidade.

**Fonte:** Imaginação e Criação na Infância - (VIGOTSKY, 2009, p. 20).

Para o autor, a imaginação é base de toda atividade criadora e se revela em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, científica e técnica (VYGOTSKY, 2009).

Com base nas construções teóricas de Vigotsky (2009), pode-se dizer que a imaginação e a brincadeira de faz de conta são consideradas como possibilidades de a criança (re) construir sentidos e significados sobre o mundo material e desenvolver sua capacidade criadora.

Ao brincar a criança deixa de agir no campo perceptual concreto e passa a atuar no campo do simbólico, do significado. O professor pode e deve valorizar os momentos de criação da criança.

Góes e Leite (2003) citam que em geral, as intervenções pedagógicas no contexto da educação infantil tendem a separar os processos imaginativos e cognitivos. Assim, quando o objetivo pedagógico volta-se para a ordem da cognição, a criança é impedida de brincar, criar e imaginar e as atividades que envolvem a imaginação só são possíveis se tiverem um valor instrucional, ou seja, meio e pretexto para se ensinar o que é sério. Neste estudo, tendo como base a perspectiva histórico-cultural, tomamos como pressuposto o entrelaçamento entre cognição e imaginação.

Sobre esta questão, Góes (2000) investigou sobre os modos pelos quais os processos de linguagem participam das elaborações do plano imaginário no brincar. Ressalta a autora, que a criança, ao brincar, atua tanto em um cenário mais concreto, representado por objetos e

peessoas presentes e um cenário imaginado, representado pelos dizeres das crianças como personagens da situação imaginária. Quando as crianças brincam, elas efetuam a reprodução de situações conhecidas (por exemplo, brincam de casinha), porém o campo de atividade pode ser ampliado com a ajuda da fala da criança, que sempre está vinculada ao que está sendo encenado, embora possam extrapolar ao que está presente no cenário mais concreto. Segundo a autora, a linguagem constitui o brincar e, por meio dos enunciados, ocorre uma expansão da variedade de possibilidades imaginárias. Afirma:

A linguagem instancia uma transformação qualitativa do jogo imaginário, subvertendo, de certa forma, as características iniciais dessa atividade – partindo do uso de objetos substitutivos configurados por gestos, a criança passa a construir o plano imaginário com cenários que dispensam objetos e gestos sobre objetos; cenários que estabelecem um fazer de conta pela palavra, consolidando o predomínio do campo do significado. Esse parece ser um importante aspecto dos ganhos que o brincar traz para o funcionamento da criança, o qual pode ser acrescentado aos argumentos de Vygotsky (1984) de que o brincar, em especial na atividade de faz-de-conta, é a “zona de desenvolvimento proximal” da infância (GÓES, 2000, p. 11-12).

A atividade de brincar é essencial para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, pois contribui para o refinamento dos processos cognitivos.

A criança traz sua cultura para as brincadeiras, seu modo de ver o mundo que favorece uma interação através das imitações, das ações cotidianas, contribuindo claramente para o seu desenvolvimento. Dessa maneira, o brinquedo gera oportunidades para o desenvolvimento intelectual. Na atividade lúdica a criança é capaz de tornar-se aquilo que, no mundo real, ela não é; agir com objetos aos quais ela ainda não tem acesso, interagir de acordo com padrões fora dos que lhe são determinados. Desta forma, há a transgressão dos limites que a criança possui, acarretando seu desenvolvimento. É nesse processo que a criança tem os primeiros contatos com a cultura, incorporando-a e criando sua própria cultura. "No brinquedo se constitui, assim, no mais alto nível do desenvolvimento infantil. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade do brinquedo" (ROCHA, 2000, p.67).

Através de pesquisas elaboradas pelos estudiosos como Vygotsky, que o verdadeiro valor dos jogos e do brincar foi resgatado por meio de suas pesquisas. É na brincadeira que a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. (WAJSKOP, 2009).

A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade. E, o brinquedo fornece estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência da criança. A ação infantil na esfera imaginativa, em uma situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos de vida real e motivações volitivas aparecem no brinquedo, que se constitui no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar (WAJSKOP, 2009, p.32).

Baseando em Wajskop (2009), pode-se afirmar que, é brincando que as crianças se podem colocar desafios e questões além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interagem. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Ao brincarem, as crianças vão construindo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que já vive uma possibilidade de modificá-la.

O trabalho com atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras ou jogos, principalmente aqueles que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida e importante função pedagógica. Além disso, as alterações nas formas das crianças brincarem têm como base fundamental -, a linguagem -, focalizada em dois planos: a linguagem da própria criança e a linguagem do outro, como mediação social.

Antes de aprender a brincar, aquilo com que a criança se defronta a incentiva a agir e determina o que ela pode fazer. Assim, a ausência de um objeto significa a ausência da ação que se realiza com esse objeto. Como brincar significa tornar presente objetos ausentes, através da transposição de significados, "as possibilidades de ação, mesmo que substitutivas, na atividade lúdica ampliam-se cada vez mais, a partir da capacidade da criança de se comportar não mais somente de acordo com o que vê ou encontra, mas também de acordo com o significado que ela atribui aos objetos" (ROCHA, 2000, p. 83).

Mediante a citação, pode-se perceber, que a criança passa a ser capaz de separar o campo da percepção do campo do significado e nota-se, ainda, a importância da flexibilidade para agir com o significado do objeto ausente, e da ação que se deseja representar.

Segundo Lopes (2000), a experiência do brincar e/ou jogar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros, os adultos e as crianças. Mas essa

experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura.

Os estudos realizados por Vigotsky (2007; 2009) sobre o brincar não deixam dúvidas da importância desta esfera de atividade simbólica para a constituição dos processos psicológicos superiores na criança. Todavia, no contexto da educação infantil, nota-se que a ênfase dada ao brincar surge mais como recurso de aprendizagem, sobretudo, a partir da redução desta etapa, com o ensino fundamental de 09 anos (BRASIL, 2006). As autoras Arelaro, Jacomini e Klein (2011) discutem que o ensino fundamental de 09 anos foi justificado nos documentos legais, mas não está representando um ganho na educação de crianças pequenas. Ao contrário, as crianças de 6 anos têm sido submetidas a um regime de trabalho escolar incompatível com a faixa etária, assim as crianças estão perdendo esse ato de fantasiar, impossibilitando seu pleno desenvolvimento.

### 3.2 Teatro

O desenvolvimento da criança se dá através de vários aspectos e o teatro é uma linguagem que auxilia nesse desenvolvimento. E, é considerado um importante recurso didático pedagógico para o desenvolvimento da criança dando suporte para sua trajetória na vida social, proporcionando experiências novas que contribui para o crescimento integral da criança sobre vários aspectos (RCNEI, 1998).

Conforme Bizzoto (2016, p. 01) ao fazer parte de um jogo teatral:

A criança entra num espaço onírico, que potencializa sua capacidade de imaginar e criar. Ao mesmo tempo, vai tomando consciência de que todo jogo tem objetivos e regras para que possa acontecer. Essa mistura é fundamental, pois, com a prática, a criança vai se tornando, individualmente, mais livre e autônoma, mas entende também a importância de pensar coletivamente, do trabalho em grupo, da importância do outro e isso melhora suas formas de se relacionar.

Ao participar do teatro, a criança entra num espaço de fantasias, aumentando a sua capacidade de imaginação, tendo noção de espaço, fazendo com que ela (criança) descubra os seus limites e limites de seus colegas. Fazendo que se desenvolva as suas habilidades, ampliando o seu conhecimento.

Para Arcoverde (2008, p. 601):

Trabalhar com o teatro na sala de aula, não apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las, inclui uma série de vantagens obtidas: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a se desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro em sala de aula (ARCOVERDE, 2008, p. 601).

O ensino do teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que em sua volta. Inúmeras são as vantagens de trabalhar com o teatro em sala de aula, aguçado e aprimorando o desenvolvimento das crianças e é uma linguagem acessível a todos, não necessitando de habilidades específicas para vivenciar essa incrível experiência, ajudando os alunos a desenvolverem autoconfiança e compartilhando de outras emoções, outras vivências.

Segundo Bizzoto (2016, p. 01):

É por isso que a possibilidade de experimentar o teatro ainda na infância é tão enriquecedora e, muitas vezes, transformadora. Porque, muitas vezes, a criança descobre no campo imaginário respostas para suas próprias perguntas, soluções para seus próprios medos, ganhando, assim, confiança para superar os obstáculos que venha a enfrentar.

O teatro na fase inicial escolar enriquece e transforma a criança, fazendo-a descobrir um mundo onírico, que trazem respostas às suas perguntas bem como ajuda a superar medos e obstáculos que possam surgir.

O teatro precisa ser levado à sala de aula como arte, assumindo o seu papel como obra de arte. Através dele, a criança vai se deparar com uma das mais antigas manifestações culturais, e diante dessa manifestação cultural, aprenderá e verá que o teatro discute sempre as questões existenciais do homem no mundo. É dentro dessa perspectiva que o teatro tem a sua função estética, catártica, questionadora, transformadora, política e social – uma obra de arte enquanto atividade artística que expressa o homem e os seus sentimentos (ARCOVERDE, 2008, p.602).

O teatro expressa os sentimentos e deve ser levado à sala de aula como arte, fazendo a criança se deparar com uma realidade de forma ilusória, aguçando a imaginação e transformando o ambiente e o aluno, contribuindo para o desenvolvimento da expressão e

comunicação e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura. Figura ilustrativa 1, a seguir.

**Figura 1:** Teatro: Evento “Liter’ Arte Calafiori”.



Fonte: Acervo pessoal.

Esta Figura 1 refere-se às apresentações do Evento “Liter’ Arte Calafiori<sup>3</sup>”, encenação para as crianças, tendo como personagens figurativas, Cláudia Tamara interpretando “Emília” e Natalina Barbosa interpretando “O Mágico”.

De acordo com Rosa (2009) o exercício da encenação teatral em situação de ensino e aprendizagem propicia:

O surgimento de canais de interlocução entre os estudantes, dando a eles a possibilidade de expor ideias e espaço para desenvolvê-las criativamente. Isso contribui para a formação do indivíduo e amplia a capacidade de viver em sociedade, além do desenvolvimento de habilidades específicas nas linguagens artísticas a que teve acesso assim como aos componentes do processo artístico-escolar articulados à vivência pessoal do educando em seu contexto sociocultural (ROSA, 2009, p. 16).

E de acordo com o PCN de Artes (1997, v. 6) o teatro no processo de formação da criança:

Cumpra não só a função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua

---

<sup>3</sup> Liter’Arte Calafiori é um projeto interdisciplinar que visa ao desenvolvimento das práticas de leitura e produção textual, por meio da literatura, música, teatro, dança e diferentes expressões artísticas. Foi idealizado pela Professora Mestra Marília de Souza Neves, docente da Faculdade Calafiori, em 2013, e, a cada ano, é acrescido de novas atividades, com o intuito de proporcionar aos futuros pedagogos um contato estreito com as boas práticas pedagógicas, capazes de aguçar o desejo do educando para o universo literário.

comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da influencia criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio” (PCN, 1997, p. 84, v. 6).

A proposta de realização do teatro na escola, de estudos sobre as significações históricas do teatro e de seus papéis sociais, pode contribuir para o aluno compreender a importância da atividade teatral e ampliar sua capacidade de estudo e reflexão sobre a produção de sentido no teatro. Enfim, o teatro dá a possibilidade de expor ideias e espaço para desenvolvê-las.

Em síntese, o teatro contribui para o desenvolvimento da expressão e comunicação e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura, seja ele no valor estético ou educativo.

### 3.2.1 Teatro de sombras

Se tratando de teatro, encontra-se também, o Teatro de sombras, o qual é um recurso simples e não tão trabalhado no âmbito da educação infantil, que atrai a atenção das crianças e trabalha o imaginário, fazendo com que esse seja fascinante aos olhos dos educandos. De simples modo, podendo ser usada uma cortina e uma lanterna.

Nesse sentido, Olívia Pires (2011, p. 29), descreve o Teatro de Sombras, como sendo um “recurso simples e interessante: uma cortina transparente e esticada no frente do público e uma luz, que deve ser acesa atrás da cortina, de forma que os personagens sejam projetados nela”. Ainda na mesma linha de pensamento, Oliveira (2009), menciona que é possível o uso de uma caixa com papel vegetal; assim, projetam-se nela os personagens feitos de cartolina ou cartão preto, presos ou não com uma vareta.

Para Ana Lúcia Kroeff Vieira (2015, p. 147):

O teatro de sombras é um modo de fazer teatro que se aproxima muito da fantasia, do imaginário, do faz-de-conta de uma criança. Ver uma sombra como uma imagem sendo desenhada e perceber como ela se cria e conta algo, aguça sensações e a imaginação de quem está fazendo e vendo.

O teatro de sombras é uma arte antiga de contar histórias e de entretenimento que usa bonecos de sombra. As imagens produzidas pelos bonecos podem ter diversas cores e outros tipos de detalhes. Efeitos podem ser alcançados através da movimentação tanto dos bonecos



quanto da fonte de luz. Por exemplo, um marionetista talentoso pode fazer as figuras parecerem andar, dançar, lutar, acenar com a cabeça e rir (PIRES, 2011).

Ainda Pires (2011) o teatro de sombras conta a história de forma diferente, o que pode ser visualizado na figura acima, no teatro titulado “O encontro das borboletas”, apresentado para crianças do período inicial. E, mais o teatro de sombras resiste ao tempo, pois seus artistas se adaptam facilmente às mudanças mesmo que para isso tenham que abrir mão de suas características originais, de sua essência.

**Figura 2:** Teatro de sombras: O encontro das Borboletas.



**Fonte:** Acervo pessoal.

“E essa essência a qual me refiro diz respeito àquele fazer artesanal, rudimentar, feito com simplicidade, sem auxílio de máquinas. Paradoxalmente, foi graças aos avanços tecnológicos que chegaram a estes povos através da globalização que esta arte se mantém viva e renovada” (PIRES, 2011, p. 29).

### 3.2.2 Teatro de varas

Dentro de teatro, tem-se o teatro de varas, que é outro meio de aprendizado para as crianças, de fantasia, despertando o imaginário. De acordo com Olívia Pires (2011, p. 31):

Neste recurso, os personagens são feitos em cartolina e fixados em uma vareta; um biombo em papelão poderá ser montado pelos alunos e por trás dele, a peça é representada com os movimentos da vara, de acordo com a seqüência da história.

O teatro de varas é muito válido e um recurso significativo para o aprendizado da criança, além de elas assistirem o teatro, podem também ajudar a montar e participar da encenação.

**Figura 3:** Teatro de varas.



**Fonte:** Acervo pessoal

A figura ilustra as “varas” e os personagens que são utilizadas para o teatro de varas, varas essas que podem ser de palitos de sorvetes, palitos de churrasco, entre outros.

### 3.3 Fantoche

Segundo Ladeira e Caldas (1998), o teatro de fantoches tem um valor pedagógico grandioso, quando se trata da motivação para a fala, a leitura e a escrita da criança. Isso porque a criança ao confeccionar um fantoche, sente o desejo de animá-lo. Aos poucos a criança junta a palavra ao movimento, isto acontece, porque para a criança o teatro de bonecos é um jogo, enquanto que para o professor é uma técnica educativa, pois pode ser aliada à expressão gestual, à improvisação de contos, pequenas quadrinhas, jogos verbais, rimas de palavras ou frases, etc.

“O fantoche é um recurso que desperta interesse nas crianças, vez que desperta a imaginação, podendo ser de várias formas e usado para a confecção meias, restos de linhas, sucatas, entre outros” (PIRES, 2011, p. 30).

**Figura 4:** Fantoches.

**Fonte:** Acervo pessoal

**Figura 5:** Fantoches.

**Fonte:** Acervo pessoal.

Cabe ressaltar que, o uso dos fantoches na educação infantil é muito importante para a construção de uma aprendizagem lúdica e divertida; pois trata-se de uma forma diferente de ensinar diversas coisas usando os personagens das histórias. E o mais interessante desse método, é a alegria que é passada para as crianças com os fantoches, no qual permite que as crianças participem e entrem na história contada, através das músicas e dos diálogos dos personagens.

### 3.4 Histórias Infantis

Segundo Casasanta (1974 apud PIRES, 2011), acredita-se que cada história contada é sempre uma nova e importante experiência, permitindo às crianças a elaboração e verbalização também de suas próprias histórias e experiências. Esta relação com a literatura infantil, o conhecimento e a aprendizagem ocorrerá possivelmente se houver em sala de aula uma prática pedagógica coerente com os princípios construtivistas; pois nesta perspectiva, a aprendizagem pode ser considerada como um processo em que a ação, a afetividade nas relações interpessoais e a cognição completam-se na estruturação do conhecimento.

Não só as histórias, como também os contos criam um mundo imaginário para as crianças, sendo importantíssimo na fase inicial. Nos primeiros anos, assimila com maior facilidade os enredos.

De acordo com Paulo Freire (2004, p. 58-59) “a curiosidade epistemológica é construída pelo exercício crítico da capacidade de aprender. É a curiosidade que se torna metodicamente rigorosa e, se opõe à curiosidade ingênua que caracteriza o senso comum”.

Ainda para o mesmo autor: “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”. Se não houver uma curiosidade constate, não haverá nem ensino e nem aprendizado, pois não pode ensinar o que não se sabe. É necessário criar possibilidades para a construção do saber, segundo afirmação de Freire (2004, p. 59).

### 3.5 Livros

O uso de livros mostra às crianças imagens, chamando a atenção para algum detalhe à história, ler frases ou levantar hipóteses do que irá acontecer, despertando sua imaginação.

De acordo com Paulo Freire (2004, p. 17):

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos.

**Figura 6:** Histórias diversas.



**Fonte:** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1239517-biblioteca-infantil-reune-livros-infantojuvenis-em-diversas-linguas.shtml>

A contação de histórias na Educação Infantil como incentivo a leitura, auxilia na aprendizagem e no desenvolvimento integral da criança. É importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias, pois desperta o imaginário infantil, estimula o entendimento e a formulação de hipóteses desenvolvendo assim, o potencial e as habilidades da criança. As histórias fazem com que as crianças sintam sensações diferentes na qual despertam sentimentos e sensibilidades que serão a base do gostar da literatura que elas levarão por toda vida.

Segundo Coelho (2002 apud PIRES, 2011), existem textos que indispensavelmente requerem a apresentação do livro, pois a ilustração o complementa, mostrando-se tão rica quanto o texto. Porém, convém lembrar que se for um livro de pouco texto e de ilustrações abundantes, o professor deve narrar quase textualmente, com certas alterações na linguagem, indo desde variações de entonação até imitações típicas de determinados personagens, com o intuito de melhor caracterizá-los e, assim, envolver as crianças.

É importante, também, promover o diálogo, conversando com os alunos no decorrer da história, promovendo a interação, pois segundo a autora, é este o momento ideal para atribuir às palavras um significado concreto, real, extinguir preconceitos, e ideias falsas, aproveitando todas as oportunidades para ajudar as crianças a crescer e pensar.

De acordo com Olívia Pires (2011, p. 24):

Alguns livros de formato pequeno, de ilustrações que antecipam acontecimentos ou não se correspondem com o texto, histórias em revistas ao lado de outras matérias e anúncios diversos inviabilizam a utilização do livro como recurso ilustrativo. Dessa forma aconselha-se que as gravuras sejam reproduzidas e ampliadas em papel resistente, visíveis para o grupo de ouvintes e, no caso de revistas, as cenas poderão ser recortadas e montadas em quadrados ou retângulos de cartolina, duplo, complementando-se se necessário para obter um visual mais bonito, considerando sempre os elementos essenciais da história.

Coelho (2002 apud PIRES, 2011) lembra que as gravuras favorecem sobretudo, as crianças pequenas, e permitem que observem detalhes e contribuem para a organização do seu pensamento, facilitando, mais tarde a identificação da ideia central, dos fatos principais ou secundários. A apresentação de diversos livros, são formas de distração e transmissão de conhecimentos entre a “criança”.



**Figura 7:** Livros infantis - A magia do contar histórias.



**Fonte:** Acervo pessoal .

E, por referenciar em diversos livros , cabe-nos enriquecer com a literatura infantil, tendo como autor Monteiro Lobato. Uma vez, que no Brasil, a literatura infantil começa a transitar no século XIX, difundindo a mesma concepção que lhe dera origem e contextualizando-se no panorama da literatura universal.

Diante disso, a literatura brasileira sofreu dificuldades para ser reconhecida como produção artística e só foi oficializada na década de 20 (vinte), pelas obras de Monteiro Lobato do qual recebeu um novo figurino e nova inovação temática, aproximando a linguagem coloquial que caracterizava a fala brasileira (LIMA; CHAVES, 2007).

Pode-se dizer que Monteiro Lobato foi o precursor da literatura infantil no Brasil. Seus personagens mais conhecidos são:

- Emília, uma boneca de pano com sentimento e ideias independentes;
- Pedrinho, personagem que o autor se identifica quando criança;
- Visconde de Sabugosa, a sábia espiga de milho que tem atitudes de adulto;
- Cuca, vilã que aterroriza a todos do sítio;
- Saci Pererê e outras.

A respeito de Lobato, Bignoto afirma:

Tantas décadas depois de sua morte, Monteiro Lobato continua sendo um excelente pedagogo, capaz de ensinar o conteúdo de diversas disciplinas a seus jovens leitores e de ensinar a nós, professores, maneiras criativas de associar em nossas práticas educativas o saber ao prazer (BIGNOTTO, 2008, p. 18).

Mas seus livros paradidáticos merecem atualizações urgentes. *Viagem ao céu* é de 1932, época em que foguetes tripulados, telescópios espaciais e satélites de comunicação não passavam de sonho ou de ficção científica. Na mesma situação estão outros de seus paradidáticos, que seriam muito enriquecidos com notas informativas. Mas o que tinha de essencial, seu espírito jovem, sua coragem, está vivo no coração de cada criança. Viverá sempre, enquanto estiver presente a palavra inconfundível "Emília" (BIGNOTTO, 2008).

O trecho reproduzido abaixo sintetiza a posição ocupada pelo escritor na esfera dos livros infantis:

Monteiro Lobato continua sendo o maior escritor para crianças do Brasil. A quase totalidade dos escritores contemporâneos não tem dúvida em afirmar que Lobato foi a grande leitura de suas infâncias e a maior influência em seus trabalhos. A obra lobatiana continua a ser estudada, e a conclusão dos teóricos é que o distanciamento crítico só leva à constatação de sua permanência (MACHADO; MIRANDA; SERRA, 1994, p. 45 apud BIGNOTTO, 2008, p. 01).

A obra para crianças de Monteiro Lobato é considerada um marco na história da literatura infantil brasileira. O valor literário de seus livros para adultos ainda provoca polêmicas, mas a qualidade de suas histórias para crianças é indiscutível ainda que se discutam as ideias veiculadas nelas.

### 3.5.1 Livro sanfonado

O livro sanfonado é um recurso valioso, pois a história é contada em sequência e vai abrindo como uma sanfona deixando as crianças fascinadas com as imagens.

Meireles (1984, p. 48 apud SOUSA; STRAUB, 2014, p. 128) enfatiza que:

A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mímica, a voz, toda arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de história, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes.

A contação de histórias deve ser conduzida em sala de aula ou fora dela de maneira agradável, abrindo oportunidade importante para a construção de uma identidade cultural e social. Através do livro sanfonado e outros recursos de contar histórias, o professor enriquecerá as experiências infantis, no desenvolvimento da linguagem, ampliação do vocabulário e desenvolvimento da imaginação infantil.

Ler, ver, ouvir, tocar o livro com todos os sentidos, entrar nele para vislumbrar encantos e novidades, tecer surpresas, imaginar irrealidades e viver emoções reais... Esse caminho é aberto ao novo, às camadas profundas, irracionais, que aprendem, intuem, armazenam imagens, sensações e sentimentos. As relações das crianças menores com o livro não se estabelecem em nível de entendimento racional, e a fruição se dá por vias afetivas e sensoriais (RESENDE, 2001, p.123).

É muito valioso trabalhar com o texto literário de forma frutiva, pois sendo ele uma manifestação artística, estimula o gosto pelos livros, provoca emoções, transmite conhecimentos, surge a imaginação e o prazer da leitura torna-se uma natural consequência.

**Figura 8:** Livro sanfonado: “Um dia no circo”.



**Fonte:** Acervo pessoal.

### 3.6 Flanelógrafo

O Flanelógrafo é uma excelente opção para a contação de histórias. Trata-se de uma superfície inclinada, coberta com flanela de cor escura azul, verde escura ou preta de dimensões que sejam satisfatórias para a leitura a distância, onde as gravuras dos personagens são coladas conforme a história a ser contada. Este recurso chama atenção das crianças por se tratar de um tipo de distração diferente do comumente usado, aonde os personagens da história vão sendo fixados em um quadro conforme a história escolhida para o momento.



Trata-se, portanto, de um mecanismo didático e eficiente para a transmissão de conhecimentos. Nas histórias em que o personagem central entra e sai de cena, movimenta-se durante o enredo.

**Figura 9:** Flanelógrafo com personagens da história.



**Fonte:** Disponível em: <<http://bolsablindada.com.br/o-melhor-investimento-ensinar-brincando/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Oliveira (2009) afirma que não é todo o texto que se adapta ao flanelógrafo, sendo necessário que os personagens sejam destacados bem como o enredo, a história contada progressivamente, podendo as crianças mesmo mudarem os personagens da história.

Para Coelho (2002, p. 35), “a apresentação de gravuras não deve ser confundida com o Flanelógrafo, sendo coisas distintas. No primeiro, a cena é reproduzida, já no segundo, cada personagem é fixado individualmente, dando idéia de movimento, sendo importante a ação do personagem principal.

### 3.7 Avental de contar histórias

O avental é um recurso lúdico e educativo para o desenvolvimento da criança na educação infantil. Ele estimula a imaginação, a oralidade, a criatividade, a autonomia, sendo considerado como um “elemento mágico”. Logo que este é colocado a criança entra em um mundo da fantasia, e os personagens são retirados do bolso e fixados no avental.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1997, p. 19).

A contação de histórias é como uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura e que todo professor tem dentro de si um contador de histórias, apenas precisa encontrá-lo e aprimorá-lo. Contar histórias sempre foi e sempre será essencial, pois é uma forma de incorporar a arte à vida e encarar os livros como fonte de prazer.

**Figura 10:** Avental de contação de histórias.



**Fonte:** Acervo pessoal .

De acordo com Olívia Pires, o avental:

Poderá ser usado como cenário da história. Ele deve ser feito de feltro para que as figuras fiquem coladas através de um velcro no verso; assim, elas serão fixadas. Os personagens também poderão ser colocados no bolso do avental e serem retirados no transcorrer da história (PIRES, 2011, p. 33).

O avental é um método ilustrativo que desperta a curiosidade da criança, pois a criança fica na expectativa para a retirada dos personagens a serem fixados no avental para verem o cenário final.

### 3.8 Os contos que as caixas e malas contam

As caixas e malas de contar histórias provocam nas crianças à curiosidade, e, contudo o hábito e gosto pela leitura viajando no mundo encantado. As caixas e malas são bem coloridas, os personagens podem ser fixos ou então colocados, o contador de história tem de criar o clima, dano pausas quando necessário, entonação de voz e suspense.

**Figura 11:** Caixa musical (Conhecendo os sons dos animais).



**Fonte:** Acervo pessoal .

A caixa musical deixa a criança curiosa para descobrir qual musica será cantada, que tem relação direta com o personagem que sairá de dentro da caixa.

Segundo André (2004, p. 18):

É papel da escola alfabetizar, formar indivíduo que convivam com a leitura, obtendo dela conhecimento e prazer, e oportunizar aos alunos o desenvolvimento de uma atitude crítico-reflexivo diante dos textos. A relação com o livro antes de aprender a ler auxilia a criança a torná-lo significativo como um objeto que proporciona satisfação. Isto ocorre porque ao tocar, manusear, olhar alisar o livro e brincar com suas folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionando por um brinquedo.

Este recurso “Caixa Musical” fará com que os alunos participem mais e com prazer desta atividade, aproximando-os da literatura. Sempre que possível, é necessário que o professor relacione a história com diversos assuntos, propiciando, além do desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo, situações que favoreçam o letramento, e além disso possam manuseá-los.

### 3.9 Dramatização

A dramatização em sala de aula, principalmente na educação infantil, enriquece o mundo lúdico da criança, sendo divertido enquanto desenvolve a aprendizagem, linguagem oral e corporal.

E, com isto, “leva a criança a vivenciar novas situações e emoções a partir da leitura de história e dramatização, proporcionando a aprendizagem e a compreensão e, ao mesmo tempo, permitindo lidar com a realidade através de histórias infantis e fábulas diversas” (OLIVEIRA, 2009, p. 73).

Assim, a dramatização tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois trabalha a desenvoltura com crianças tímidas que não conseguem se expressar com palavras e através dos gestos elas conseguem se desenvolverem fazendo parte do grupo de uma maneira descontraída.

**Figura 12:** Dramatização - A viagem Ao mundo encantado.



**Fonte:** Acervo pessoal .

É possível a adaptação das histórias infantis para representação de seu texto para o teatro; assim, as crianças assumem o papel dos personagens e os representam, dramatizam. Dependendo dos recursos da escola, as crianças poderão usar fantasia, máscaras e diversos objetos para a sua dramatização.

### 3.10 Dobradura e origami

A dobradura e origami fazem com que a criança pense assim conhecerá a importância de ampliar os processos da expressão e da arte. Será auxiliada na ampliação nas habilidades artísticas e na construção, sendo assim trabalhada a memorização, atenção, percepção e concentração.

A criança terá oportunidade de fazer trabalhos de arte como pintura, colagem, desenho e construir a linguagem artística diferente.

Sobre a definição do que é origami, Genova (2008, p. 14) escreve:

Origami é uma forma de expressão. Quem manipula o papel abre uma porta de comunicação com o outro. Dobrar papéis valoriza o movimento das mãos, estimula as articulações e estimula o cérebro.

A criança terá oportunidade de ampliar suas possibilidades de construção de expressão e comunicação através de manipulação de materiais gráficos que contribui para arte. Aprimorando a coordenação motora fina, reconhecendo e nomeando formas geométricas e cores aguçando desde a criança muito pequena o gosto pela arte.

**Figura 13:** Dobraduras e origamis - A arte da dobradura.



**Fonte:** Acervo pessoal .

O professor deve contar uma história que apresente condições para representação em dobraduras, tais como peixe, barco, sapo, cão, gato, chapéu, flores etc. Cada aluno poderá escolher uma história, falar o porquê de tê-la escolhido, fazer a dobradura, que poderá ser colada em uma folha de papel sulfite, e completar o cenário de sua história.

## CONSIDERAÇÕES

Para finalizar o trabalho, retomou-se aos objetivos e buscou-se responder a cada um deles.

Em relação ao desenvolvimento desta pesquisa, na tentativa de compreender “A arte da contação de histórias e seus recursos”, buscou-se recursos que estimulem a curiosidade das crianças, pois o momento de contar história é de suma importância; este propicia à criança inúmeras possibilidades, assim como o de promover a interação, instigar a imaginação, e também, é a oportunidade de se ter contatos com livros.

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos, deve dar especial atenção à contação de histórias, pois ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo no aluno. Assim, foi descrito sobre suas vantagens, foram destacadas a aprendizagem de conteúdos, a socialização, a comunicação, a criatividade e a disciplina.

No entanto, pode-se constatar que, com este estudo sobre o histórico da contação de histórias, bem como comentários sobre o Referencial Curricular Nacional, o momento lúdico e práticas de ensino enfatizando o teatro, o fantoche, histórias, livros entre outros; atingiu o seu objetivo, que foi responder à pergunta da pesquisa apresentada, de forma que efetivamente os métodos utilizados na contação de histórias dão um significado imaginário/lúdico no desenvolvimento da criança, as estratégias pedagógicas usadas em sala de aula são efetivas para o seu aprendizado das crianças.

A contação de história é tratada como um relevante recurso metodológico, e por meio dela, pode-se levar o aluno (a) diferentes aprendizados, para que tenha uma formação suficiente, tal qual desejada por profissionais preocupados com a educação escolar. Uma aprendizagem favorável desde a infância, que permita ao indivíduo atuar na sociedade como um sujeito participante, e, assim contribuir para a sua formação.

Espera-se que o estudo venha a contribuir para a orientação de professores, que desejam trabalhar de forma diferenciada na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, e mesmo que o presente trabalho não interfira nas desejadas mudanças da postura da escola e do professor quanto à prática da contação de história, servirá para os que a lerem, possam refletir sobre o problema, pensar e contribuir para que seja explorado com

maior ênfase na escola, cujo objetivo principal é sempre oferecer ao aluno um ensino de qualidade, no qual história contada desempenha papel importante.

A contação de história vem inserindo-se, como uma estratégia pedagógica que fortalece a prática dos futuros professores e, por meio dela, estimula a linguagem oral e escrita da criança, além de desenvolver sua imaginação, criatividade e atenção.

O emprego da literatura, especificamente no que diz respeito ao espaço da educação infantil, deve ser uma atividade que propicie sentimentos, emoções e aprendizagem, necessitando de uma ação sistematizada e planejada, para promover o desenvolvimento integral da criança, tornando o indivíduo crítico, criativo, consciente e produtivo.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scippicione, 1997.
- ALMEIDA, P. N. de. **Educação Lúdica: prazer de estudar, técnicas e jogos pedagógicos**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- ALVES, R.. **A gestação do futuro**. Campinas: Papyrus, 1987.
- ANDRÉ, T. C.. **Literatura Infantil: Práticas adequadas ajudam a despertar o gosto pela leitura**. Revista do Professor, Porto Alegre, nº. 20. p 18-21. 2004.
- ANTUNES, C. **O Jogo e a Educação Infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir**, fascículo. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- ARCOVERDE, S. L. M. **A importância do teatro na formação da criança**. 2008. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/\\_639.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/_639.pdf).> Acesso em: 02 dez. 2016.
- A reflexologia podal na redução do estresse**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd192/a-reflexologia-podal-na-reducao-do-estresse.htm>.> Acesso em: 16 dez. 2016.
- ARELARO, L. R. G; JACOMINI, M. A; KLEIN, S. B. O Ensino Fundamental de Nove Anos e o Direito à Educação. **Educação e Pesquisa** (Revista Trimestral da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), São Paulo, v.37, nº. 1, 220p. 35-51, jan./abr. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a03>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 13 ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2011.
- Biblioteca Infantil**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1239517-biblioteca-infantil-reune-livros-infantjuvenis-em-diversas-linguas.shtml/>. Acesso em: 20 dez.2016
- BIGNOTTO, C. **Monteiro Lobato em construção**. (Artigo), 2008. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobato.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2016.
- BIZZOTO; M. **A importância do teatro na educação infantil**. 2016. Disponível em: <http://www.guiameubebe.com.br/artigos/209-importancia-teatro-educacao-infantil>>. Acesso em: 01 dez. 2016.
- BRASIL. **Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996**. (LDB/96) Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 18 nov. 2016.



\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 10 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Secretária de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. Brasília: MEC/SEF, v.6, 1997.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção primeiros passos; 163).

CASASANTA, T. **Criança e literatura**. Belo Horizonte: Vega, 1974. In: PIRES, Olívia da Silva. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação infantil para a formação do futuro leitor**. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2011. Disponível em: <[http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia\\_Pires.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia_Pires.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2016.

CAVALCANTE, A. O lúdico faz a diferença na aprendizagem em sala de aula. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 19, n. 3, set./dez. 2012.

CERISARA, A. B. A Pré-Escola e as Implicações Pedagógicas do Modelo Histórico-Cultural. **Cadernos CEDES**, nº.43. Campinas: Papirus, jan./jun. 2008.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.

FONTANA, R. A. C.; CRUZ, M. N. de. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FURTADO, V. Q. **Dificuldades na aprendizagem da escrita: uma intervenção pedagógica via jogos de regras**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GENOVA, C. **Origami: dobras, contos e encantos**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

GOÉS, L. P. **Introdução a Literatura Infantil e Juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

\_\_\_\_\_, M. C. R. de. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação e Sociedade**. Campinas, Unicamp, jul./2000, v. 21, nº. 71. p. 116-131. Disponível em: MCR Góes - Educação & Sociedade, 2000 - SciELO Brasil. Em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a05v2171pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

\_\_\_\_\_, M. C. R. de; LEITE, A. R. I. P. Cognição e Imaginação: a elaboração do real pela criança e as práticas de Educação Infantil. In: **Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição: reflexões para o ensino**. Belo Horizonte, MG. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 1-8

KRAMER, M. L. **Lendo, brincando e aprendendo**. Campinas: Autores Associados, 2007. (Coleção Formação de Professores). Disponível em: <<https://books.google.com.br/>

books?id=TnfbKHOrhx0C&pg=PA12&lpg=PA12&dq=Aulas+“diferentes”,+criativas+e+atividades+atraente...>. Acesso em: 23 nov. 2016.

LADEIRA, I; CALDAS, S. **Fantoche & CIA**. São Paulo: Scipione, 1998. In: PIRES, Olívia da Silva. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação infantil para a formação do futuro leitor**. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2011. Disponível em: <[http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia\\_Pires.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia_Pires.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2016.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.

LAJOLO, M; MACHADO, A. M. **Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico crítico e exercícios**. São Paulo: Abril educação, 1983.

LEONTIEV, A. N. **Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar**. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. Tradução de Maria da Penha Villalobos. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.119-142.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIMA, A. V. N.; CHAVES, M. T. L. de O. **Contos de fadas como meio didático no desenvolvimento cognitivo em discentes do ensino fundamental**: um estudo de caso. (Artigo). 2007. Disponível em: <[http://afirse.com/archives/cd11/GT%202007%20%20CURRICULARES/704\\_CONTOS%20DE%20FADAS.pdf](http://afirse.com/archives/cd11/GT%202007%20%20CURRICULARES/704_CONTOS%20DE%20FADAS.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2016.

LIPPI, E. A.; FINK, A. T. A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão** da URI, v.8, n°.14: p.20-31, maio/2012. Disponível em: <[http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_014/artigos/artigos\\_vivencias\\_14/n14\\_02.pdf](http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_014/artigos/artigos_vivencias_14/n14_02.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2016.

LOPES, M. da G. **Jogos na Educação**: criar, fazer, jogar. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MACHADO, L. R.; MIRANDA C. de; SERRA, E. d'Angelo (org.). **O livro para crianças no Brasil**. Brasileira de Frankfurt/ São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994. In: BIGNOTTO, Cilza. **Monteiro Lobato em construção**. (Artigo). Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobato.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

MATEUS, A. do N. B. et al. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. V.5, n°. 1 (Artigo) 2013. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>>. Acesso em: 12 set. 2016.

MEIRELES, C. **Problemas de Literatura Infantil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. In: SOUSA, Franciele Ribeiro de; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel. A arte de contar histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.5, n°.2. 11. ed., número regular, p. 122 - 131, jun./jul. 2014. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/...>

20Settings/user/Meus%20documentos/Downloads/1483-4576-1-PB%20(6).pdf>. Acesso em: 02 set. 2016.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. dos. **Verbetes RCN para a Educação Infantil. Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/rcn-para-a-educacao-infantil/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

MONTEIRO, A. M. **A prática de ensino e a formação inicial dos professores.** Artigo. 2016. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0032c.html>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

OLIVEIRA, A. **RCN para a educação infantil: introdução ao Referencial Curricular Nacional Completo e Atualizado.** 2006. Disponível em: <http://www.cpt.com.br/educacao-infantil/artigos/rcn-introducao-ao-referencial-curricular-nacional-completo-e-atualizado>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

\_\_\_\_\_, M. A. de. **Dinâmicas em Literatura Infantil.** São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_, M. K. de. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** 4ª ed. São Paulo SP: Scipione, 1997. Apostila xerografada.

\_\_\_\_\_, P. S. **O que é brinquedo.** São Paulo: Brasiliense, 1984

**O Melhor Investimento: Ensinar Brincando.** Disponível em: <<http://bolsablindada.com.br/o-melhor-investimento-ensinar-brincando/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

**O que é behaviorismo.** Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/behaviorismo>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993. In: MONTEIRO, Ana Maria. **A prática de ensino e a formação inicial dos professores.** Artigo. 2016. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0032c.html>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

PIRES, O. da S. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação infantil para a formação do futuro leitor.** Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2011. Disponível em: <[http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia\\_Pires.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia_Pires.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2016.

RESENDE, V. M. **Literatura Infantil e Juvenil.** São Paulo: Saraiva, 2001. Disponível em: <<http://pedagogiasomosreferencial.blogspot.com.br/2011/07/trechos-do-livro-literatura-infantil-e.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.

ROCHA, M. S. P. de M. L. **Não Brinco Mais: a (des) construção do brincar no cotidiano educacional.** Ijuí: UNIJUÍ, Rio Grande do Sul, 2000.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005. In: MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil.** (Artigo) - Pontifícia Universidade Católica, Campinas- SP., 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogia/cao/article/viewFile/8477/7227>>. Acesso em: 12 set. 2016.

ROSA, W. **A encenação em situação de ensino e aprendizagem:** uma contribuição pedagógica possível. Londrina, 2009.

SOUSA, F. R. de; STRAUB, S. L. W. A arte de contar histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.5, nº.2. 11. ed., número regular, p. 122 - 131, jun./jul. 2014. Disponível em: <[file:///C:/Documents%20and%20Settings/user/Meus%20documentos/Downloads/1483-4576-1-PB%20\(6\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/user/Meus%20documentos/Downloads/1483-4576-1-PB%20(6).pdf)>. Acesso em: 2 set. 2016.

TELES, D. A.; SOARES, M. P. do S. B. **A literatura infantil nos anos iniciais do ensino fundamental:** importância e contribuições para a formação de leitores. 2012. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_184\\_90853e17a4727597548cf1f714335c0f.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_184_90853e17a4727597548cf1f714335c0f.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2016.

VIEIRA, I. M. de C. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. In: **Revista Criança - do professor de educação infantil**, v. 38, p. 10, 2005.

VEIRA, A. L. K. **Teatro de sombras na educação infantil, na contemporaneidade:** vivências no uso de telas móveis. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, v.11, nº. 1, ano 2015. Disponível em: <[file:///C:/Documents%20and%20Settings/user/Meus%20documentos/Downloads/6337-19877-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/user/Meus%20documentos/Downloads/6337-19877-1-PB%20(4).pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e Método em Psicologia.** São Paulo/SP: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Michael Cole... [et al.] (Org.). Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Astro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e Pedagogia).

\_\_\_\_\_. **Imaginação e Criação na Infância:** ensaio psicológico: livro para professores. Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WAJSKOP, G. **Brincadeira na Pré-Escola.** 8.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZABALA, A. **A prática educativa:** como ensinar. Tradução de Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998. (Reimpressão 2010).

## APÊNDICE A

### AUTORIZAÇÃO

Eu, doravante denominado LICENCIANTE, abaixo assinada e identificada, autorizo o uso de minha imagem inclusa no trabalho de conclusão de curso titulado de “A Contação de Histórias e a sua Arte”, apresentado a Instituição de Ensino – Faculdade Calafiori, situada no município de São Sebastião do Paraíso, estado de Minas Gerais, e, que esta seja destinada à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange a pluralidade de uso acima indicado tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica, Internet, Banco de Dados Informatizado *e-mails*, divulgação sem qualquer ônus a LICENCIADA ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los exclusivamente para o fim de campanha institucional da LICENCIADA, em todo território nacional.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem, e assino a presente autorização.

São Sebastião do Paraíso - MG, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
*Assinatura*

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato:

## APÊNDICE B

### AUTORIZAÇÃO

Eu, doravante denominado LICENCIANTE, abaixo assinada e identificada, autorizo o uso de minha imagem inclusa no trabalho de conclusão de curso titulado de “A Contação de Histórias e a sua Arte”, apresentado a Instituição de Ensino – Faculdade Calafiori, situada no município de São Sebastião do Paraíso, estado de Minas Gerais, e, que esta seja destinada à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange a pluralidade de uso acima indicado tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica, Internet, Banco de Dados Informatizado *e-mails*, divulgação sem qualquer ônus a LICENCIADA ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los exclusivamente para o fim de campanha institucional da LICENCIADA, em todo território nacional.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem, e assino a presente autorização.

São Sebastião do Paraíso - MG, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

*Assinatura*

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato:

